

I ENOPES: desafios e perspectivas

Aconteceu nos dias 15 a 17 de novembro de 2013, no RJ e com a participação média de 130 pessoas oriundas de 09 Estados da Federação (BA, CE, DF, GO, MS, PE, RJ, SC e SP) o I Encontro Nacional de Oposições Populares, Estudantis e Sindicais (I ENOPES). Vale ressaltar que por razões de ordem financeira, a Bahia enviou apenas um delegado e a delegação do AM ficou impossibilitada de participar.

Em sua composição o encontro contou com a presença de organizações políticas (UNIPA, CLC, RA, além de indivíduos não organizados), organizações sindicais (GLP, SINDÁGUA, ORC, LSOC), organizações sociais (Caravana da Periferia), organizações estudantis (RECC, Coletivo Aurora) e movimentos sociais (FOB, coletivos de curso).

Em termos de inserção social o I ENOPES apresentou uma presença maciça de participantes vinculados à área da educação em seus variados níveis (professores, estudantes e técnicos nos âmbitos estadual e federal), com presença apenas residual de outras camadas do proletariado (petroleiros, urbanitários, servidores do executivo federal) e de setores populares (moradores das periferias urbanas). O setor camponês não compareceu. A presença do anarquismo estilo de vida foi flagrantemente minoritária (inferior a 5%).

O formato do evento previa plenárias de debate das duas teses, seguida de Grupos de Discussão temáticos (GD's) no primeiro dia e de plenária final no segundo dia. As formas de participação se dividiram entre delegados (participantes eleitos por algum dos coletivos convocantes) e observadores (os demais). Chamou-nos atenção a forma articulada como a RECC atuou durante todo o evento, em especial as suas delegações de GO, DF, RJ e CE. Na plenária estudantil a RECC apresentou análises políticas de conjuntura muito simplistas sobre as ações de massas, acreditando que as suas percepções no passado corresponderam com a realidade que os mesmos vislumbraram, além disso, revelando um otimismo profundo com a radicalidade das massas nas “ações de ruas” durante as jornadas de junho e a greve do SEPE-RJ (sindicatos dos Professores estaduais).

Em relação às propostas apresentadas pode-se afirmar que o documento final se esforçou em sintetizar, nas suas linhas gerais, as lutas conjuntas dos setores mais radicalizados da esquerda, com a dor e a delícia que isso significa.

A atuação da RA

Nossa bancada estava, em sua totalidade, inscrita na qualidade de observadores, com poder de voz e sem poder de voto. Cientes de que observar vai muito além de ver, ouvir e tomar notas atuamos no sentido de realizar intervenções problematizadoras que apontassem para possíveis pontos de divergência nos mais variados níveis (estratégico, programático, tático, conceitual, organizativo e político), algo do tipo “sentir a febre”, sem caracterizar qualquer disputa por posição. Exemplos disso foram: o alerta feito na plenária final para que o ENOPES não se comprometesse com a agroecologia (bem sucedido); o esforço para que o debate sobre como encarar a questão da polícia fugisse do enquadramento proposto - se o policial pertence ou não à classe trabalhadora (bem sucedido no GD e derrotado na plenária final); o registro de que a Estratégia do Sindicalismo Revolucionário (ESR) não se confunde com a Estratégia Antissindical (EAS); e como podemos atuar dentro das esferas do movimento estudantil sem o “parlamentarismo estudantil”.

Fomos a única força política a montar banquinha para venda de livros (outra havia mas apenas com materiais da própria organização) que foi um sucesso (73% dos livros vendidos). Durante os GD's nos dividimos para ampliar nossa participação e intervimos no GD Condições de Trabalho, GD Mídias Alternativas e GD Questões Urbanas. Como subproduto favorável do conjunto de nossa participação foram abertos contatos promissores em outras regiões.

Avaliação

As condições para a realização deste I ENOPES não estavam maduras. Tal fato foi reconhecido pelos organizadores que assumiram certa precipitação para não “perder a onda” das jornadas de junho. Imaturas do ponto de vista material refletindo, por exemplo, na precariedade da infraestrutura (poucos banheiros disponíveis acarretando filas para banho, longas distâncias entre alojamentos e locais de realização dos trabalhos tudo isso gerando atrasos na programação), imaturas do ponto de vista ideológico, pois existiram alguns procedimentos

típicos da chamada “política do avestruz” (procedimentos de segurança que foram adotados sem conhecimento do conjunto das delegações); imaturas do ponto de vista político, pois temas foram discutidos sem acúmulo de debate prévio suficiente (ex: divergência na ignorância no caso de quem pertence a qual classe) ou sem fechar caminho a evoluções em sentido oposto ao da subjetividade dos participantes (ex: presença minoritária do feminismo excludente). Como fatores positivos, destacamos a subjetividade preocupada com a revolução proletária expressa na combatividade geral das pessoas participantes, a ausência de disputas viciadas tão comuns em eventos dessa natureza. A única organização bolchevique presente destoou nitidamente em suas proposições do restante do plenário, e, salvo pelos representantes desta e na questão da EAS, nossas proposições ou foram acolhidas com concordância ou obtiveram o reconhecimento de que exigiam maior aprofundamento. Vale mencionar que a RECC apresentou práticas de trabalho de base promissoras (coletivos de curso, oposições aos DCE’s), embora sem fugir do “fetiche pelas instituições” (CA’s/DA’s, DCE’s), procurando conquistá-las e/ou manter-se dentro delas, isto é, percebemos uma boa capacidade crítica na análise quanto às necessidades do movimento estudantil, sua organização (base) e sua atuação (combatividade), por parte da RECC, no entanto ainda sem se desvencilhar de velhas práticas promovidas pelo capital na recuperação de antigos instrumentos de luta.

No geral, foi importante para nossa organização ter participado e o saldo foi positivo em termos de desdobramentos futuros. Ademais, conquistamos ali um espaço reconhecido.

Desdobramentos: questões para reflexão e propostas práticas

Nossa participação serviu para dissipar qualquer dúvida sobre a diferença entre a ESR e a EAS. Isto significa que, por um lado, para a RA, não será possível construir a TCI (Tendência Classista Internacionalista) sem abrir mão da EAS. Por outro lado, a RA pode construir as instituições intermediárias (Oposições/Comitês de Base, Coletivos de Curso) e, por meio delas, construir os ENOPES como momento de articulação privilegiada em termos de Brasil desse campo antiestatal e antirreformista nas lutas sociais.

O primeiro desafio, onde temos materialidade para tal, será constituir uma Oposição de Base na educação.

No meio estudantil, devemos aprofundar nosso conhecimento sobre a RECC, estudar seus documentos, seu funcionamento e estratégias de luta e definirmos como nos relacionaremos com ela.

Quanto aos contatos iniciados, devemos indicar responsáveis pelo acompanhamento.

Para sedimentar a diferença entre TCI e ENOPES, seria correto que nos dirigíssemos diretamente ao setor majoritário por meio de carta, propondo uma aliança estratégica que resultaria em uma caminhada histórica partilhada até o ponto de bifurcação das distintas estratégias.

Bancada da RA ao I ENOPES